

ELE MUDA A DIREÇÃO, O CORAÇÃO, O PROPÓSITO E O DESTINO

Leitura agrosófica e agroteológica do encontro de Cristo no caminho: ele não corrige a rota, refaz o homem e todo o caminho que virá depois.

Por Aínor Francisco Lotério

A DIREÇÃO É O QUE MENOS IMPORTA

Corrigir a rota é geografia. Ser refeito é ontologia. O mundo aprendeu a chamar de mudança aquilo que é apenas remanejamento: troca de emprego, troca de cidade, troca de discurso, troca de partido, troca de igreja. Nada disso toca no homem. É possível caminhar sessenta anos numa direção impecável e continuar sendo exatamente a mesma pessoa que saiu de casa. Cristo nunca se ocupou primeiro da direção. Ele se ocupa de quem caminha, e a direção vem atrás, obediente.

O CORAÇÃO É A PRIMEIRA COLHEITA

O verbo grego dos evangelhos para conversão, *metanoia*, não significa voltar atrás, significa mudança na sede do pensar e do querer, aquilo que a Escritura chama de coração. Por isso Ezequiel não anuncia uma estrada nova, anuncia um órgão novo: tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Deus não faz desvio de itinerário no homem, ele faz transplante. Quem trabalha com a terra entende isso melhor do que qualquer teórico: adubar a superfície resolve uma safra, mudar o solo resolve uma geração.

Aqui está a raiz daquilo que chamamos de Motivação Racional. A motivação superficial move os pés. A motivação que nasce do coração transformado move o motivo, e motivo é aquilo que permanece quando o entusiasmo passa.

DAMASCO: A DIREÇÃO PERMANECEU, O HOMEM NÃO

Saulo não estava perdido no sentido comum da palavra. Tinha rumo, método, cartas de autorização na mão, zelo religioso e competência de sobra. Estava indo para Damasco e chegou a Damasco. A cidade permaneceu, a estrada permaneceu, o cronograma permaneceu. O que não permaneceu foi o homem. Cristo não lhe diz volte para Jerusalém, lhe diz por que me persegues. Não questiona o rumo, questiona o propósito.

E depois vêm três dias de cegueira, silêncio e dependência de terceiros, antes de qualquer missão. Deus formou o maior missionário da história com um período de ausência forçada. Quem pensou a Pedagogia da Ausência reconhece o método de imediato: Deus retira a luz para que o homem descubra que enxergava pouco quando julgava enxergar tudo.

EMAÚS: O CORAÇÃO ARDE ANTES DE OS PÉS VIRAREM

Em Emaús a direção estava errada, dois homens saindo de Jerusalém, desistindo, indo embora da esperança. E Cristo, em vez de barrar o caminho, caminha junto na direção errada. Escuta a versão deles antes de dar a versão dele. Só depois de aquecer o coração é que os pés se voltam. Eles mesmos

confessam que o coração ardia enquanto ele falava pelo caminho. O ardor veio primeiro, a volta a Jerusalém veio depois.

Inverter essa ordem produz gente que muda de vida sem mudar de alma, o que a religião fabrica em série quando se contenta com comportamento. É a diferença entre o agricultor que pinta a cerca e o que corrige a acidez do solo.

BARTIMEU: DE SENTADO À BEIRA A SEGUIDOR NO CAMINHO

Bartimeu estava sentado à beira do caminho, e sentado à beira é a posição exata de quem tem opinião sobre a estrada mas não anda nela. Recebe a visão e o texto diz que passou a segui-lo pelo caminho. Não voltou curado para a vida antiga, com os olhos novos aplicados aos velhos projetos. Ganhou olhos e ganhou propósito no mesmo gesto. Cristo não devolve o homem melhorado à sua trajetória anterior, ele o convoca para uma trajetória que não era dele.

O JOVEM RICO: O ENCONTRO QUE NÃO MUDOU NINGUÉM

Marcos coloca as duas cenas no mesmo capítulo, e isso não é acaso de copista. No início do capítulo dez está o jovem rico, que vem correndo, ajoelha-se, chama Jesus de bom mestre e recita uma doutrina impecável. No fim do mesmo capítulo está Bartimeu, cego, sujo, atrapalhando o cortejo. O primeiro tinha tudo e foi embora triste. O segundo não tinha nada e seguiu pelo caminho.

É a consideração mais desconfortável de todo este raciocínio. Cristo olhou para o jovem rico e amou-o, diz o texto, e ainda assim ele foi embora. O encontro é oferta, não é captura. Deus muda o coração de quem entrega o coração, e a graça jamais violenta a liberdade, porque amor forçado não é amor, é domesticação. Nenhum agricultor obriga a semente a germinar. Ele prepara o solo, aduba, espera a chuva e respeita o tempo, sabendo que a decisão final acontece num lugar onde a mão dele não alcança.

Daí a pergunta que este texto devolve a quem o lê. Não é se Cristo passou pelo seu caminho, ele passa por todos. É o que se fez com as bagagens quando ele passou. O jovem rico não recusou a direção, ele recusou o desapego. Manteve o coração exatamente onde estava e, por isso, manteve também o propósito e o destino, apenas mais triste do que antes.

A LEITURA AGROSÓFICA: ENXERTIA, MOSTARDA E O GRÃO QUE MORRE

A Agrosafia é definida, no portal, como uma filosofia de vida que integra a sabedoria da terra, a espiritualidade e o desenvolvimento humano, e é justamente essa integração que permite ler o encontro de Cristo com categorias de agrônomo.

Paulo usou a enxertia para descrever o que Deus faz com o homem, o ramo silvestre enxertado na oliveira boa. A enxertia não muda o lugar da árvore, não muda o solo, não muda a raiz. Muda o fruto. A árvore continua onde estava e passa a produzir aquilo que jamais produziria por si.

Há também o grão de mostarda, tema desenvolvido em artigo próprio como mística da vida com base nas forças agronaturais. A menor das sementes não muda de tamanho por decisão própria, ela muda de natureza ao encontrar terra. E há o grão que cai na terra e morre para dar fruto, que é a advertência mais dura de todas: toda mudança de coração carrega uma morte dentro dela, a morte de um projeto

que era nosso e que funcionava bem.

A AGROTEOLOGIA DO TEMPO: NINGUÉM CONVERTE UMA SAFRA APRESSANDO O CALENDÁRIO

No texto sobre o abacaxi, publicado no portal, está escrito que a natureza não trabalha com urgências, trabalha com plenitude, e que um fruto que leva mais de um ano para se formar ensina que as melhores colheitas exigem tempo, cuidado e perseverança.

Essa é a agroteologia do encontro. Damasco foi instantâneo, mas Paulo levou anos entre a Arábia, Tarso e Antioquia antes de ser enviado. O encontro é relâmpago, a formação é lavoura. Quem confunde os dois vira fanático ou vira frustrado. O relâmpago dá a direção, a lavoura dá o caráter.

O CAMINHO DE UM HOMEM DE CAMPESTRE

Conheço isso por dentro. Saí de Campestre, em Vidal Ramos, filho de agricultores cooperativistas, um entre onze irmãos, tendo trabalhado na terra desde a tração animal até a mecanização. Depois vieram a agronomia, a extensão rural, a direção estadual da Epagri, a prefeitura de Camboriú, a assessoria no legislativo, a consultoria, os palcos, o rádio desde 1989, a filosofia, a teologia, o diaconato.

Cada uma dessas passagens foi mudança de direção, e algumas foram mudanças enormes. Mas a pergunta que se impõe na maturidade não é mais qual estrada. É quem está caminhando. Um homem pode acumular quatro décadas de estradas corretas e ainda não ter feito a única travessia que conta.

OS QUESTIONAMENTOS DE AGORA

Há quem examine, na maturidade, a possibilidade de recuar das estruturas institucionais mantendo intacta a identidade diaconal e a fé. Convém dizer o que a teologia diz, com clareza.

O diaconato não é cargo dentro de uma estrutura, é configuração da pessoa. O sacramento imprime caráter, marca o ser e não a agenda. *Diakonia* é modo de existir, não é escala de plantão nem assento em comissão. Portanto sair de funções administrativas, reduzir compromissos institucionais e devolver espaços de gestão é mudança de direção, e mudança de direção, como este texto inteiro procurou mostrar, é a categoria menos decisiva de todas.

O que precisa ser examinado com rigor, e cada um o faz diante de Deus, não é se caminha menos dentro da estrutura. É se o coração continua ardendo. Se arde, o recuo é evangélico e tem nome antigo na tradição, é a retirada que precede a fecundidade, é o sítio, é a escrita, é a palavra pregada sem crachá. Se não arde, permanecer na estrutura não resolveria nada, apenas disfarçaria com atividade aquilo que só o encontro resolve.

Vale ainda a advertência que a própria Pedagogia da Ausência contém: a ausência só é formativa quando é escolhida como serviço. Quando é fuga, ela não forma ninguém, apenas transfere o vazio de lugar.

O DESTINO NÃO É UM LUGAR, É ALGUÉM

A eternidade em nós pode começar em cada um, aqui. É a conclusão exata deste raciocínio. Destino, na linguagem bíblica, nunca é coordenada geográfica, é comunhão. Por isso a pergunta madura não é para onde estou indo, é para quem estou indo, e a resposta transforma o presente antes de transformar o futuro.

Quando Cristo encontra um homem no caminho, muda-lhe a direção porque mudou o coração, muda-lhe o propósito porque mudou o dono da vida, e muda-lhe o destino porque destino é Alguém e não algum lugar. O corpo continua caminhando pela mesma estrada de terra, entre os garapuvus e os ipês, mas já não é o mesmo homem que caminha, e um coração transformado já está no destino antes mesmo de chegar.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, bacharel em Filosofia e em Teologia, mestre em Gestão de Políticas Públicas, psicopedagogo e Diácono Permanente. Nascido na comunidade rural de Campestre, Vidal Ramos, atuou por mais de quatro décadas como extensionista rural, Diretor Estadual da Epagri, Prefeito de Camboriú, assessor na Assembleia Legislativa de Santa Catarina e consultor cooperativista, e está no ar com o programa Alegria de Viver desde 1989. É o criador da Agrosafia e da Ciclomotivação, e autor, entre outros títulos, de Pais Frouxos, Filhos Sofredores, Pais Firmes, Filhos Felizes, Paixão pelo Cooperativismo e A Eternidade em Nós. Escreve e fala a partir de um lugar raro no Brasil, o cruzamento entre a terra, a razão e a fé, e é dessa confluência que nasce a leitura agroteológica aqui apresentada.

AINOR FRANCISCO LOTÉRIO | ainorfloterio@gmail.com | WhatsApp (47) 99967-5010 | www.loterio.com.br
